



A POSIÇÃO ENUNCIATIVA DO SUJEITO SURDO: PRINCÍPIOS DISCURSIVOS DA LIBRAS

Francisco Marques Sampaio¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a posição enunciativa do sujeito surdo nas diferentes situações de comunicação. A pesquisa recorre à pergunta norteadora: “*Como se posiciona o sujeito surdo no ato de linguagem, considerando-se o sujeito interlocutor?*” Na encenação do dizer, existe um sujeito que “toma a palavra” e se posiciona junto ao seu interlocutor, estabelecendo-se, assim, a troca linguageira por meio da língua de sinais a partir de um contrato de comunicação estabelecido entre os participantes do ato de linguagem. Em todo o processo de comunicação, existem princípios enunciativos que visam explicar a posição de cada participante da interação verbal e o grau de influência de um sujeito sobre o outro, dada a intencionalidade comunicativa. O quadro teórico-metodológico referente à Teoria Semiolinguística, uma das abordagens da Análise de Discurso Francesa, tem como expoente Patrick Charaudeau cujas produções tratam de aspectos enunciativo-discursivos publicadas em 1996, 2005, 2014 e 2015 e ancoradas em Benveniste (2006), importante teórico da Enunciação. Para análise do contexto situacional em Libras, utilizaremos ainda o aporte teórico de Gesser (2005, 2012), Quadros (2019) e Quadros e Karnopp (2004). A pesquisa é qualitativa e de revisão bibliográfica e apresenta, metodologicamente, as etapas de análise dos dados com base na Semiolinguística, utilizando-se como categorias de análise o contrato de comunicação, as estratégias discursivas e o modo de organização enunciativo inerentes à situação de comunicação em que ocorrem as interações entre sujeitos surdos e/ou ouvintes (com ou sem mediação de tradutor/intérprete de Libras). Após a análise dos resultados, evidencia-se que a Enunciação em língua de sinais apresenta princípios discursivos essenciais que explicam como se dá a posição do sujeito surdo, que assume seu lugar de fala obedecendo às regras do contrato e às intenções comunicativas sobre seu interlocutor e em função do contexto em que ocorre o ato de linguagem.

Palavras-chave: Enunciação, Surdo, Discurso, Linguística, Libras.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, recorreremos a uma perspectiva enunciativa partindo da seguinte pergunta norteadora: “*Como se posiciona o sujeito surdo no ato de linguagem, considerando-se o sujeito interlocutor?*” Diante disso, é possível que, dada a intencionalidade comunicativa, seja provado que as condições ou circunstâncias discursivas interfiram no ato de linguagem, que é um processo interenunciativo e simétrico. Em todo e qualquer processo de comunicação envolvendo os sujeitos falantes, existem aspectos enunciativos que visam explicar a posição de cada participante, seja o que “toma a palavra”, isto é, o enunciador, seja o interlocutor da mensagem (o sujeito destinatário) reiterando o grau de intencionalidade de um sujeito sobre o outro.

¹ Doutorando e Mestre em Linguística (UFC), Graduando em Letras/Libras (Unintese).
E-mail: professorsampaio37@gmail.com



Na Língua Brasileira de Sinais – Libras, isso acontece de forma simétrica, já que o processo comunicativo entre participantes é uma troca sociolinguageira de mão dupla ligada aos circuitos interno e externo do ato de linguagem. Com efeito, o ato de fala torna-se uma atividade discursiva, que é desencadeada a partir de elementos que estão interligados e se realizam em função de um contexto, isto é, de uma situação de comunicação.

Para reforçar a pesquisa no âmbito da Análise de Discurso, doravante AD, abordamos a posição enunciativa do sujeito surdo no processo de comunicação em Libras, como ele se posiciona discursivamente diante de seu interlocutor e como se dá esse projeto de fala na perspectiva do fenômeno linguageiro, ligado às condições enunciativas de produção/recepção, de circulação do texto e de interpretação do ato de linguagem pelo sujeito surdo.

É importante destacar ainda que o objetivo geral do que se está sendo pesquisado é compreender a posição enunciativa do sujeito surdo ao “tomar a palavra”, em seu projeto de fala, agindo sobre o interlocutor (sujeito ouvinte, com ou sem a mediação de um intérprete/tradutor de Libras ou outro sujeito surdo), dada uma intencionalidade comunicativa, bem como a obediência às regras impostas pelo contrato de comunicação.

Nesse sentido, o sujeito surdo (enunciador) encena seu dizer nos circuitos do ato de linguagem, em Língua Brasileira de Sinais, mediante a situação de comunicação em que são produzidas as estratégias discursivas usadas pelo sujeito surdo (sinalizante) em um texto multissemótico. Além disso, como há uma situação de troca comunicativa de forma dialogal, caracterizamos o tipo de contrato de comunicação que rege as mensagens compartilhadas entre o sujeito surdo e o seu sujeito interlocutor, que é o destinatário da informação.

O objeto de estudo, nesta investigação científica, no campo da Teoria Semiolinguística, doravante TS, é provar como o sujeito surdo se comporta, considerando-se o ato de linguagem e a sua intenção comunicativa junto a seu interlocutor, influenciando-o a pensar, a agir, a interpretar uma informação ou, até mesmo, responder a uma fala em função de um contrato de comunicação que rege as trocas linguageiras entre ambos.

Nesse sentido, o ato de linguagem acontece sob condições pragmáticas e ligado à produção discursivo-textual. Diante da necessidade de investigar o processo de produção, circulação e recepção/interpretação do enunciado pelo sujeito sinalizante, torna-se necessário explicar como acontece a posição do enunciador surdo sobre o seu interlocutor, ao exercer sobre o outro um dado grau de influência e imbuído de uma intencionalidade comunicativa.

Para isso, no percurso metodológico e na análise dos dados, apresentamos o *corpus* relativo a dois textos verbo-visuais cujos *designs* foram criados via aplicativo Canva.com. Nele demonstramos a interação entre os sujeitos sinalizantes em Libras e seus interlocutores, bem como evidenciamos a posição enunciativa do sujeito surdo, que toma seu lugar de fala, sob uma dada intenção comunicativa em função do outro. Para consolidar seu Projeto de fala, o sujeito comunicante utiliza estratégias discursivas na encenação do dizer e, em respeito às regras do contrato de comunicação, efetiva sua intencionalidade sobre o interlocutor, que pode ser o sujeito ouvinte, com ou sem mediação do tradutor/intérprete de Libras ou outro surdo.

Na teoria que fundamenta a pesquisa, no campo da Análise de Discurso, Patrick Charaudeau destaca a participação de sujeitos na interação verbal mediante a garantia de um contrato de comunicação ligado ao ato de linguagem. Diferentemente das outras abordagens sobre a Enunciação, a Teoria Semiolinguística, aponta a existência de quatro sujeitos que agem no circuito comunicativo e se posicionam discursivamente na encenação do *Fazer* e do *Dizer*: sujeito locutor (no caso da Libras, sujeito sinalizante), sujeito receptor (interpretante), sujeito enunciador e sujeito destinatário.



Ao final deste trabalho, na seção “Resultados e Discussão”, provamos que o sujeito se posiciona discursivamente sobre seu interlocutor, para efetivar seu Projeto de fala e, sob certas condições de produção, circulação e recepção/interpretação do enunciado, consegue manter a interação verbo-visual em função do ato de linguagem e do contrato de comunicação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando expõe o aparelho formal da comunicação, em sua obra “Problemas de Linguística Geral”, Benveniste (2006) introduz um conceito delimitador do princípio da Enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O teórico destaca o ato interenunciativo em que o locutor (neste caso, o sinalizante, na situação de comunicação em Libras) produz o discurso, uma vez que o locutor toma a língua como um instrumento de comunicação e, por meio da relação interativa, “suscita uma outra enunciação de retorno” (p. 82).

Em consonância com o que pensa Benveniste (2006, p. 84), o enunciador se apropria do *aparelho formal da língua* para manter sua posição de locutor por meio de “índices específicos,” de um lado, que são os sinais em Libras e, de outro, por meio de “procedimentos acessórios”, os quais associamos às expressões faciais e corporais e aos sinais icônicos, conforme nos orienta a pesquisadora Quadros (2019). Nesse sentido, a “enunciação supõe uma conversão individual da língua em discurso”, isto é, o sujeito surdo ao enunciar (toma a palavra) e se dirige ao seu interlocutor de forma que precisa ser compreendido, estabelecendo com este um jogo de influência e uma relação de intercompreensão.

Com efeito, o ato individual de apropriação da língua de sinais pelo sujeito surdo é um “dado constitutivo” da enunciação. Ele se declara locutor e assume a Libras implantando o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença de seu interlocutor, como pensa o teórico Benveniste (2006, p. 84).

Em vista do processo da Enunciação em que o sujeito surdo se posiciona como locutor, isto é, alguém que se apropria da língua para elaborar seu discurso e, por conseguinte, “toma a palavra”, chegamos à hipótese de que, durante o ato de linguagem, ocorrem determinadas condições ou circunstâncias discursivas que suscitam uma mudança de posição interenunciativa do sujeito locutor junto ao outro (seu interlocutor), interferindo na situação de comunicação.

As circunstâncias discursivas a que nos referimos dizem respeito às condições de produção, recepção, circulação e interpretação do enunciado em que ocorre o projeto de fala, organizado pelo sujeito enunciador ao se posicionar junto ao seu interlocutor por meio do jogo de influências.

Relativamente a estas circunstâncias discursivas em que ocorre o ato de linguagem entre os sujeitos participantes da interação verbal, em Libras (sujeito sinalizante e sujeito destinatário), destacamos alguns elementos importantes, a exemplo do contrato de comunicação previsto para efetuação das trocas linguageiras, do uso intencional das estratégias discursivas referentes à encenação do Dizer e à interlocução por meio das visadas comunicativas, além da manipulação das formas-sentido da língua, quando o locutor se apropria dos sinais ou se expressa por meio dos classificadores. Toda a situação de comunicação interfere, enfim, na posição enunciativa do sujeito surdo, que é o enunciador ao se dirigir ao seu interlocutor, que pode ser ou não um outro sujeito surdo.

Para efetivar o princípio enunciativo no âmbito da Semiologia, partimos da noção do contrato de comunicação. Para Charaudeau (2015, p. 67), “todo discurso depende, para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ela



surge.” E, assim, as restrições de espaço e de tempo estão ligadas ao contrato de comunicação, que é o acordo estabelecido entre o sujeito produtor do texto e o seu interlocutor para a efetiva garantia dessas trocas languageiras.

Com relação ao contrato de comunicação, específico da situação dialógica, os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais chegam ao um acordo sobre essas representações languageiras de que precisam para se comunicar e, assim, compreender um ao outro. “Nesta perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma preposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência” (Charaudeau, 2014, p. 56). Para a Semiologia, os sujeitos participantes do circuito comunicativo devem levar em conta os dados do contrato estabelecido, subjacente às condições impostas pela troca languageira.

Conforme o que nos orienta Charaudeau (2015), os dados externos contratuais se constituem pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que efetuam as trocas de comunicação, que são confirmadas pelos discursos de representação e podem ser reagrupados em quatro categorias, cada uma correspondendo a um tipo de condição enunciativa de produção languageira: condição de identidade (“*quem fala a quem?*”), condição de finalidade (corresponde às visadas comunicativas; “*Estamos aqui para dizer o quê?*”), condição de propósito (“*Do que se trata?*”) e a condição de dispositivo (“*Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação?*”).

Por sua vez, os dados internos do contrato correspondem ao espaço da encenação do dizer onde acontecem as estratégias discursivas, os que permitem responder à pergunta: “*como dizer?*”. Segundo Charaudeau (2015, p. 70), esses dados referem-se ao papéis languageiros e aos comportamentos dos parceiros de troca, já que “esses dados constituem as restrições discursivas de todo ato de comunicação”.

São três os espaços de comportamentos languageiros: espaço de *locução*, em que o sujeito falante toma a palavra e assume sua posição de locutor; espaço de *relação*, onde o sujeito falante estabelece relações com o seu interlocutor ao construir sua própria identidade de locutor e, por último, espaço de *tematização*, onde é organizado o domínio do saber, que constituem os temas das trocas, sejam eles predeterminados ou introduzidos pelos participantes. Neste último caso, o sujeito falante deve não somente tomar posição com relação ao tema imposto pelo contrato, como também escolher um modo de organização discursivo para esse campo temático.

Para Charaudeau (2015, p. 71), “nenhum ato de comunicação está previamente determinado”. Sendo assim, cada tipo de contrato caracteriza a situação de troca languageira, o que o teórico chama de “condição de socialidade do ato de linguagem e da construção do sentido”. Isto que dizer que o sujeito falante dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal.

É importante destacar ainda que Charaudeau (2015) apresenta uma teoria dos gêneros e, para isso, considera três aspectos que devem ser levados em conta no momento da análise dos dados, isto é, para determinar uma classe textual: o lugar de construção de sentido do texto, o grau de generalidade das características que define a classe textual e o modo de organização discursiva dos textos, além de considerar os elementos do contrato de comunicação, tais como o tipo de instância enunciativa, o conteúdo temático e o tipo de dispositivo cênico.

Nesta pesquisa, revisitamos ainda os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, realizados por Quadros & Karnopp (2004), Quadros (2019), Gesser (2009) e Gesser (2012) acerca da estrutura e do funcionamento da língua, como os parâmetros gramaticais.

Dentro do seu projeto semiológico, Charaudeau (1996) propõe o ato de linguagem como um dispositivo cênico no interior do qual se encontra o sujeito falante em relação a outro parceiro. Tal dispositivo compreende um duplo circuito (indissociável um do outro): o circuito externo, espaço do *Fazer* onde os parceiros (sujeito comunicante e sujeito interpretante)



exercem seus papéis psicossociolinguageiros. Na verdade, é o Eixo situacional que corresponde aos dados do contrato de comunicação. O outro circuito é interno, que corresponde ao espaço da organização do *Dizer* onde os seres de fala (sujeito enunciador e sujeito destinatário) montam suas estratégias discursivas. Neste, os dados internos correspondem ao espaço de locução, relação e tematização.

Para explicar o ato de linguagem como encenação dialogal, explicamos agora como se dá o processo ligado ao ato interenunciativo, que é assimétrico e dialético dentro das circunstâncias do discurso (produção, circulação e recepção/interpretação), uma vez que o EU é o sujeito produtor do ato de linguagem e o TU, o sujeito-interlocutor desse ato de linguagem, conforme prevê Charaudeau (2014, p. 44):

O TU não é um simples receptor de mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EU (interpretar é sempre instaurar um processo para apurar as intenções do EU).

Para a realização do ato de linguagem, Charaudeau (2014) define, de forma categórica, quatro sujeitos interenunciativos dispostos em dois circuitos, espaços de interlocução e de trocas linguageiras: externo e interno. São desdobramentos do EU e do TU, sujeitos presentes no ato de enunciação, “lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos” (p. 45).

No espaço externo, há dois sujeitos: o Sujeito Destinatário (TUD) e o Sujeito Interpretante (TUi). Aquele é o interlocutor fabricado pelo EU como destinatário ideal, adequado ao seu ato de enunciação; este é um ser que age fora do ato de enunciação produzido pelo EU, é o responsável pelo ato de interpretação. Para o teórico, o sujeito EU tem um total domínio, já que o coloca em lugar onde supõe que sua intenção de fala será totalmente transparente para o TUD (Charaudeau, 2014, p. 45).

Ainda conforme o teórico, no espaço interno, por sua vez, existem os seres de fala: o sujeito Enunciador (EUE) e o sujeito Comunicante (EUC). O primeiro está sempre presente no ato de linguagem, é uma imagem de enunciador construído pelo sujeito produtor de fala (EUC) sendo visto pelo lado da produção. Por outro lado, o EUC é um locutor e articulador da fala. Ele é o iniciador do processo de produção em função das circunstâncias do discurso.

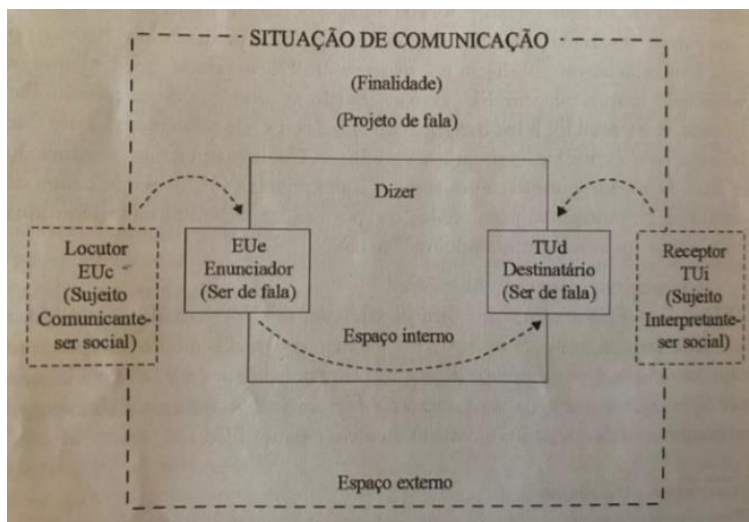
O EUC (sujeito comunicante) é um sujeito agente (como o Tui), localizado na esfera externa do ato de linguagem, mas, responsável por sua organização. O EUC é o iniciador – responsável pelo ato de produção e é a relação EUC – EUE que produz um certo *efeito pragmático* sobre o Interpretante. O EUC é sempre considerado como uma *testemunha do real*, mas, dentre desse “real”, depende do conhecimento que o TUi tem sobre ele (Charaudeau, 2014, p. 52).

De acordo com Charaudeau (2014), todo ato de linguagem é resultante de um jogo implícito e o explícito e, por esta razão, existe a partir das circunstâncias de discurso específicas (produção e interpretação) e é encenado por duas entidades: sujeitos de fala e sujeitos agentes. A TS apresenta os dois circuitos do ato de linguagem resultantes de um duplo esquema simétrico entre emissor e receptor.

No âmbito da teoria, o ato de linguagem é realizado sob dois circuitos de produção de saber: o circuito da fala configurada (espaço interno) e o circuito externo à fala configurada (espaço externo). Naquele, estão os seres de fala, que são instituídos como imagem de sujeito enunciador (EUE) e de sujeito destinatário (TUD), oriundos de um saber intimamente ligado às

representações linguageiras das práticas sociais. Neste, estão os sujeitos agentes que são instituídos como imagem de sujeito comunicante (EUc) e de sujeito interpretante (TUi), em conformidade com um saber ligado ao conhecimento da organização psicossocial. A seguir, apresentamos uma figura esquematizando o ato de linguagem:

Figura 1



Fonte: Charaudeau (2014, p. 52)

A Semiolinguística propõe um modelo que compreende o ato de enunciação como uma *mie-en-scène* (do francês), que significa uma “encenação”, uma atividade comunicativa da qual participam os parceiros das trocas languageiras, com subordinação a um contrato situacional e, por uma ação de influência de um sobre o outro, consegue partilhar o seu Projeto de fala.

Segundo Charaudeau (1996), o ato da enunciação se fundamenta em cinco princípios discursivos: alteridade, influência (ação intencional), relevância (direito à palavra), regulação (reconhecimento do contrato entre os sujeitos) e a legitimação (reconhecimento do sujeito em seu estatuto de ser comunicante ou interpretante).

Para o teórico, o jogo de influências permite que o Projeto de fala aconteça em função do contrato situacional numa dada situação de comunicação e do olhar avaliador dos sujeitos que se comunicam entre si. Assim, é reconhecida a competência de “tomada da palavra” pelo sujeito comunicante, que lhe dá a credibilidade do *Fazer-Saber*.

O modelo de estruturação enunciativa proposto por Charaudeau (2005) obedece a três níveis: nível situacional, que corresponde ao contrato de comunicação contendo os dados externos: finalidade, o que corresponde às visadas comunicativas, identidade dos parceiros, o domínio de saber (temático) veiculado pelo objeto de troca languageira e o dispositivo cênico, que são as circunstâncias materiais de troca; nível discursivo, sendo o espaço onde se instauram as diferentes “maneiras de dizer” mais ou menos codificadas do sujeito: seus modos de falar, os papéis languageiros que deve ter em função das normas impostas pelo contrato situacional e o nível semiolinguístico, que é o espaço das escolhas linguísticas que configuram o texto em que se ordenam “as formas dos signos, suas regras de combinação e seus sentidos”.

Por fim, esperamos que todo o aporte teórico da Semiolinguística possa explicar, com coerência, o objeto de pesquisa, que é a posição do sujeito surdo (enunciador) em relação a um



interlocutor, que pode ser um outro surdo ou ouvinte, com ou sem a mediação do tradutor/intérprete de Libras, além de descrever o fenômeno linguístico investigado.

METODOLOGIA

Descrito o percurso teórico, passemos agora a explicar as etapas metodológicas aplicadas à pesquisa em AD. Primeiramente, destacamos que, conforme a teoria de base já mencionada na seção anterior, o fenômeno linguístico, que é a Enunciação, corresponde à análise de um *corpus* constituído de textos multissemióticos (verbo-visuais), conforme Figuras 2 e 3, sendo os primeiros imagens correspondentes a diferentes situações de comunicação, com as regras do contrato demonstradas por Charaudeau (2014) e o segundo texto é um *banner* publicitário, gênero multissemiótico, que mescla texto escrito e imagem com produção de sentido.

Em segundo plano, entendemos que a pesquisa exploratória ou bibliográfica se relaciona ao paradigma qualitativo, no qual o objeto de estudo é analisado e descrito com base nas seguintes categorias de análise propostas pela Teoria Semiociológica: o contrato de comunicação, os modos de organização discursiva, no caso, o modo enunciativo e seus componentes conforme o *aparelho enunciativo*, apresentando por Charaudeau (2014, p. 183-200), que constitui o dispositivo cênico.

Consideradas as categorias de análise propostas pela Teoria Semiociológica, destacamos o tipo de contrato de comunicação, que vai definir o tipo de situação em que se apresentam as circunstâncias discursivas de produção e recepção/interpretação dos textos verbo-visuais a serem analisados (em recorte) e o modo de organização discursiva (Cf. Quadro 1), apresentando os princípios de organização e as dimensões discursivas correspondentes às categorias forma-sentido da representação icônico-verbal e da encenação discursiva (Cf. Quadro 2) baseando-se em Mendes (2010).

Quadro 1 – Modos de organização discursiva, propostos por Charaudeau (2014)

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU → TU) Ponto de vista do sujeito (EU → ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	*Posição em relação ao interlocutor *Posição em relação ao mundo *Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar Seres de maneira objetiva / subjetiva	*Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) *Encenação descritiva



NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	*Organização da lógica narrativa (actantes e processos) *Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor.	*Organização da lógica argumentativa *Encenação argumentativa

Fonte: Charaudeau (2014, p. 75)

Quadro 2 - As dimensões para análise da imagem no texto verbo-visual

Dimensão situacional	Dimensão técnica da imagem	Dimensão discursiva
Sujeitos: comunicante, enunciador; sujeito interpretante	Elementos plásticos: cores, formatos, gravuras, quadrinhos.	Modo de organização discursiva enunciativa
Gênero icônico-verbal	O close (percurso do olhar de quem observa);	Os imaginários sociodiscursivos e as circunstâncias de comunicação dialogal.
Estatuto do gênero/imagem/banner publicitário	O ponto de vista da imagem	Categoria etótica (o ethos que se vê projetado);
Situação de comunicação	Funções discursivas do texto dialogal	Categoria patêmica (efeito que produz o gênero).

Fonte: elaborado pelo próprio autor, com base em Mendes (2010).

ANÁLISE DOS DADOS

No domínio midiático, que constitui o universo da pesquisa, encontramos o *corpus* para a etapa de análise nesta pesquisa em Análise do Discurso. Os dados coletados referem-se a imagens criadas pelo aplicativo de design Canva.com. Pelo que percebemos nos textos verbo-visuais coletados do aplicativo, as imagens (Cf. Figuras 2 e 3) correspondem a pessoas surdas em situação de comunicação com seus interlocutores.

Relativamente ao contrato de comunicação, utilizado na instância de produção pelo sujeito comunicante, o dispositivo cênico corresponde ao modo de organização dialogal e os textos multissemióticos usados como *corpus* têm uma relação (re)construída de sentido entre texto escrito e imagens. Nos textos apresentados, por meio da leitura visual, percebemos duas diferentes situações de comunicação dialogal entre participantes, a exemplo de uma sala de aula onde há interação entre professor, intérprete de Libras e aluna surda.

Como nos explica Charaudeau (2014), a relação contratual estabelece convenções e normas dos comportamentos em função da troca existente entre os dois sujeitos presentes na

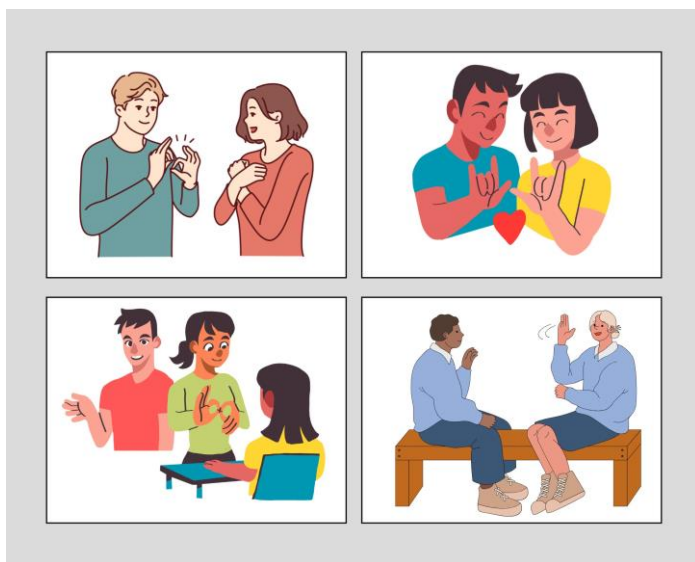
interlocução: nesta situação dialogal, o professor é o sujeito comunicante (EUC) e a aluna constitui o sujeito destinatário da informação (TUD). A sala de aula constitui o espaço de tematização. No contrato, há predominância da visada prescritiva, que consiste em querer “fazer-fazer”, em que o sujeito falante (o professor com suporte da intérprete de Libras) exerce influência sobre seu interlocutor (a aluna), mantendo entre si um certo grau de intencionalidade capaz de efetivar a situação de troca linguageira.

Quanto ao modo de organização discursiva, que é um procedimento de utilização de categorias da língua para ordená-las em função da finalidade de comunicação, temos o princípio de organização enunciativa, em que há a relação de influência de um sujeito sobre outro e a relação dialogal de troca. No modo enunciativo, conforme Quadro 1, as pessoas surdas mantêm uma posição direta e interlocutiva, em situação dialogal em que os participantes trocam sinais e se comunicam de forma satisfatória, porque compartilham do mesmo código linguístico, no caso a Libras, que são combinações forma-sentido, como nos orienta Charaudeau (2014).

Considerando os dados do contrato de comunicação, destacamos os dados externos: a identidade dos parceiros, na Figura 2, podemos ver várias personagens dialogando em língua de sinais: amigos, casal de namorados, professora, aluna e tradutor/intérprete, colegas de classe. Na Figura 3, temos um pai e um filho conversando sobre a estória contada em um livro. A finalidade refere-se à visada comunicativa, que é de querer “fazer-fazer”, isto é, “levar o outro a agir de uma determinada maneira” (Charaudeau, 2015, p. 69): nos diálogos, há sempre um EUC intencional que quer manter uma influência sobre seu interlocutor. O dispositivo cênico, como sabemos, é o aplicativo do Canva onde foram criados os *designs* (os desenhos e o *banner* informativo). Por fim, na dimensão discursiva, temos o modo enunciativo, em que se vê a posição do sujeito surdo frente a seu interlocutor, em situação de interação verbal. As circunstâncias ocorrem em várias instâncias enunciativas, como a escola e a família. O gênero discursivo em questão mostra claramente a categoria patêmica de efeitos de influência de um sujeito sobre o outro, a exemplo da paixão que une o casal de surdos.

Agora, observemos as imagens a seguir.

Figura 2



Fonte: imagens do app Canva.com



O texto acima apresenta uma sequência de quadrinhos com diferentes situações de comunicação. Todas as personagens surdas se comunicam utilizando a língua de sinais. No primeiro quadrinho (parte superior, da esquerda para a direita), vemos um casal de surdos se cumprimentando com o sinal “abraço” utilizado pela mulher. No segundo quadrinho (da esquerda para a direita), temos um casal de namorados fazendo declaração de amor por meio do sinal em Libras adaptado da língua americana de sinais, “I love you”. No terceiro quadrinho (na parte inferior, da esquerda para a direita), aparece uma cena ocorrida em sala de aula, onde a intérprete usa o sinal “contexto” para explicar para a aluna surda determinado conteúdo. No último quadrinho, ocorre um diálogo entre dois colegas de classe, durante o recreio, conforme percebemos pela configuração de mão utilizadas por eles.

Com relação às imagens, temos a dimensão situacional em que aparece, em cada situação de comunicação, sujeitos “que encenam seu dizer” e se interagem, que se compreendem por meio da língua de sinais. O gênero discursivo apresenta quadrinhos com várias cenas ocorridas em contextos diferentes de diálogo, desde a conversa informal até a aula ministrada com a mediação de uma intérprete de Libras. A dimensão técnica da imagem está relacionada à sequência de quatro quadrinhos em que aparecem desenhos caracterizando personagens de cenas cotidianas, a exemplo dos dois estudantes vestidos com o fardamento durante o recreio da escola. Vemos ainda a figura do “coração vermelho” representando o amor entre os dois surdos. O percurso do olhar de quem observa as cenas vai além da representação humana e da percepção de vários sentimentos como a amizade, o amor, a inclusão e o respeito cultivado pelos surdos.

Feita a análise da Figura 2, passemos agora à Figura 3 para verificar a situação de comunicação presente na cena em que um pai, que está de posse de um livro, dialoga com o filho, que é surdo. No dispositivo cênico, observamos que há a contação de uma estória. Trata-se de um *banner* criado pelo autor através do aplicativo de design Canva.com.

Os dados internos do contrato de comunicação mostram que o espaço de locução é estruturado pela conversa entre o EUC (pai) e seu interlocutor (TUD). A criança, neste caso, torna-se o sujeito interpretante da mensagem enviada pelo enunciador ao contar a estória. Quanto à tematização, temos o conteúdo discutido no livro pelo sujeito falante. Vemos que há entre eles uma relação de convivência a partir da troca de diálogo e o estabelecimento de jogo de influência do pai sobre o filho para contar a estória, conforme nos aponta Charaudeau (2014).

Figura 3



Fonte: elaborado pelo próprio autor, a partir de modelo do app Canva.com

Com relação ao modo de organização discursiva, temos no *banner* o modo enunciativo em que se “permite tornar explícito o ponto de vista do locutor” (Charaudeau, 2014, p. 81). O sujeito falante age na encenação do dizer. No texto, há um procedimento linguístico enunciativo denominado “relação de influência entre locutor e interlocutor”, especificamente com interpelação do pai exercendo a figura de alguém que tem uma intenção comunicativa.

Há, na cena enunciativa, dois modos de organização: o enunciativo, porque o sujeito comunicante mantém uma posição sobre o seu interlocutor e o modo narrativo, pois percebemos uma organização da lógica na qual se supõe a trama de uma história contada pelo pai cujos componentes se apresentam como actantes, com papéis narrativos e processos sequenciais com princípio de intencionalidade, com a presença indireta de narrador-contador.

Analisando os elementos visuais presentes no texto verbo-visual, recorreremos às categorias de Mendes (2010). Na dimensão situacional, sabemos que o gênero em questão é informativo tratando da questão da inclusão social do surdo. Na dimensão técnica, percebemos elementos icônicos (as configurações de mãos usadas pelo sinalizante), as logomarcas institucionais e a imagem do livro. Na dimensão discursiva, estão presentes as categorias linguísticas como os modos de organização discursiva enunciativo (dialogal) e narrativo, com componentes próprios da lógica narrativa. A categoria etótica mostra uma cena em que há um pai (ouvinte) em conversação com o filho surdo (a criança) ao ouvir a contação de história em língua de sinais. Além disso, apresenta-se a categoria patêmica em que há um grau de sensibilização emocional por parte do leitor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados, constatamos que o princípio da enunciação evidencia o posicionamento dialógico entre os interactantes, com base nas situações de comunicação presentes tanto nos quadrinhos (Figura 2) quanto no *banner* informativo (Figura 3). Há, portanto, sujeitos comunicantes que exercem grau de influência sobre seus interlocutores, que são surdos, por meio da língua de sinais. Eles pretendem se comunicar intencionalmente sobre determinado assunto mediante o uso das estratégias discursivas previstas no contrato.



Assim, as categorias de análise evidenciadas por Charaudeau (2014) e Mendes (2010), isto é, os componentes discursivos do contrato de comunicação dialogal, que se referem à organização lógico-discursiva) e às dimensões situacionais, técnica da imagem e dimensão discursiva, mostram que os princípios enunciativos em Libras são essenciais para efetivar as relações interativas entre surdos e ouvintes, bem como manter as trocas linguageiras entre os sujeitos do ato de linguagem a partir do contrato de comunicação.

Percebemos também que, no diálogo mantido pelos sujeitos participantes da interação, são utilizadas determinadas categorias linguísticas e gramaticais, que são combinações formais, adequadas para a manutenção da língua de sinais, a exemplo dos classificadores e expressões não-manuais conforme Quadros & Karnopp (2004). Estes elementos linguísticos que correspondem aos parâmetros gramaticais da Libras (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial-corporal), contribuem para garantir significativamente a efetivação dos princípios da Enunciação em que o sujeito se posiciona junto a seu interlocutor, com quem mantém certa influência e intencionalidade comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer fenômeno discutido em Linguística requer observação, investigação e análise por parte do pesquisador. Assim, a posição enunciativa do sujeito surdo durante a conversação com outros falantes, seja ouvinte, seja surdo (mesmo com a mediação de um tradutor/intérprete de Libras) é uma temática pertinente à Análise de Discurso de abordagem francesa.

Além disso, torna-se evidente que a Teoria Semiolinguística, apresenta sólido aparato teórico-metodológico capaz de evidenciar a análise dos dados de uma pesquisa no âmbito da investigação linguística. O linguista Charaudeau (2015, 2014, 2005 e 1996) apresenta em sua teoria uma gama de categorias de análise que podem tornar válidos os princípios enunciativo-discursivos em Libras, como o próprio contrato de comunicação, os modos de organização discursiva, ao passo que Mendes (2010) mostra as dimensões para análise da imagem.

Ao final da análise dos dados, apresentamos e discutimos os dados provando que a Enunciação, fenômeno discursivo também presente na língua de sinais, está ligada a princípios pragmáticos, já que há uma conversação entre surdos e ouvintes, mediante a garantia da manutenção do contrato comunicativo e em função dos sujeitos participantes, como mostram as situações de comunicação presentes nos textos verbo-visuais analisados. Na Figura 2, os sujeitos sinalizantes exercem intenções comunicativas sobre seus parceiros de interação utilizando a configuração de mão e as expressões não-manuais para manter a interação e, assim, efetuar sentido. Na Figura 3, vemos que o pai, ao contar uma estória para o filho surdo, mantém um diálogo e uma relação afetiva com seu interlocutor por meio de sinais em Libras.

Por fim, esperamos que a presente pesquisa, em toda a sua extensão, possa contribuir para futuros trabalhos na área de Linguística, principalmente para servir como referência para autores que querem desbravar os estudos e as produções científicas acerca dos princípios enunciativos e discursivos presentes nas interações verbais em Libras.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas – SP : Pontes Editores, 2006.



CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. Trad. Ângela M. S. Corrêa.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso, *In*: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Org.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. *In*: CARNEIRO, A. D. (Org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, p. 05-43.

MENDES, E. Publicidade e imagem: uma proposta de estudo. GOUVÊA, L. H. M; GOMES, R. S. (Org.) **Discurso, Texto e Enunciação: Homenagem a Patrick Charaudeau**. **Anais**, II Fórum Internacional de Análise do Discurso Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p. 91-100.

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a Libras. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GESSER, A. **Libras?**: que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre, 2004.